

A SOBREVIVÊNCIA NAS CAATINGAS : UM DESAFIO A CONSIDERAR

Cap - Inf
LECY JOSÉ DE OLIVEIRA

Se o CIGS, atualmente COSAC, respondeu admiravelmente às divagações sobre o combate nas selvas, por que não se responder, agora, sobre as incertezas e dificuldades de uma luta nas terras de Caatingas?

O Agreste e o Sertão têm seus aspectos particularíssimos, que em muito os diferem da Amazônia e da mata atlântica, e, um combate nessas regiões terá suas características próprias, tão cruentas, imprevisíveis e difíceis, quão difíceis, imprevisíveis e cruentas são essas terras.

Passou Conselheiro. Passaram cangaceiros e jagunços, mas ficou o chão em que pisaram. Monótona, permanece a verdade nua e crua de paragens cruas e nuas.

Não se criam novas formas nesse deserto. Quando vem a seca, elas são as mesmas: desoladas e aterroradoras, tristes e desafiantes. Parece, então, que o tempo não passou.

Creemos, e estamos convictos, da importância e necessidade de capacitar nossos homens para um combate nessas terras. Não duvidamos, em nenhum instante, da "aptidão" de nossas tropas, porém, em se considerando que "Capacidade é Aptidão Realizada", estamos conscientes que nossa "capacitação" para superar os obstáculos da Caatinga será um fato, quando aceitarmos seu desafio, estagiarmos em seu seio, experientarmos as agruras de uma sobrevivência mais que difícil, exercitarmos nossas aptidões, engendrarmos nossas improvisações, onde a água é quase mentira e o inferno quase verdade.

Os que chegam ao Nordeste, impressionam-se com a paisagem: praias, coqueiros, jangadas. A exuberância de seu folclore, a força de suas tradições, cirandas e maracatus deixam perplexo o forasteiro. Temos, também, nos impressionado com as experiências de sertanejos e vaqueiros na luta para sobreviver no Sertão e no Agreste. O depoimento de camaradas, oriundos desses pontos, enriquecem, em muito, nossa coletânea, juntamente com observações nossas em missões e exercícios ali efetuados.

Esses dados nos levaram à elaboração de anotações para a sobrevivência a que demos o nome de "Pequeno Maceteiro do Combatente na Caatinga". Nossa pretensão, nesse trabalho, não foi outra senão colaborar e oferecer sugestões no preparo da tropa, transmitindo nossas buscas de dois anos.

Aqui, nosso despretenhoso artigo aborda, de modo condensado, alguns itens do "Maceteiro" aludido.

Como "viver" o homem em terras onde árvores franzinas e retorcidas mal conseguem "vegetar"?

A fome, a sede, as rudezas são vencidas. É necessário sabermos como fazê-lo.

O sertanejo sabe.

Procuraremos, em resumo, citar algumas das maneiras práticas de sobrevivermos usando os meios de fortuna de seus próprios habitantes e os recursos que a natureza, restritamente, lhes fornece.

I — AS REGIÕES NATURAIS

No quadro das "paisagens geográficas", apresentam-se o solo e o subsolo, o relevo (alturas e depressões), o clima, a hidrografia e a vegetação, como fatores de características definidas.

A vegetação é, de todos os acidentes, o que mais caracteriza os panoramas de uma região.

No Nordeste (e isso se observa mais acentuadamente em Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte), a vegetação impõe quase três aspectos distintos: a mata, o agreste, o sertão.

É bem verdade que cinco vegetações distintas aparecem na região Nordeste: a *floresta equatorial*, que é um prolongamento da Amazônia em território maranhense, dando lugar aos cocais de babaçu, mais para Leste; a *floresta tropical*, do Rio Grande do Norte ao sul da Bahia, quase que dizimada, pelo plantio da cana-de-açúcar; o *cerrado*, no sul do Piauí e Maranhão, e oeste baiano, onde surge a carnaúba, "árvore da vida" do Nordeste; a *vegetação litorânea*, com alagadiços e coqueirais praianos; a *caatinga*, abrangendo maior parte do Nordeste.

Mas, em termos de sobrevivência, é necessário abordar de outra forma e distinguir a zona de matas, o agreste e o sertão.

Para nós, interessam-nos, sobremaneira, os dois últimos.

a) O *agreste*: esta área, que se estende do Rio Grande do Norte até Alagoas, começa praticamente onde se podem notar os últimos vestígios da Zona da Mata.

É na verdade uma área de transição com características próprias, que termina onde começam os sertões, no topo do planalto da Borborema.

No agreste, o chão das caatingas é alterado pelos brejos, verdadeiros vales, sempre verdes, mesmo na seca, com a presença de roçados, açudes e aldeias.

b) O *sertão*: rareiam-se os "brejos", vales férteis e sempre verdes, não mais se alternando com as caatingas.

Já se distingue, então, na caminhada para o interior, a presença do sertão, semi-árido, de terreno cristalino que esbarra, a Oeste, nos locais e no cerrado, e, em direção ao Sul, penetra em Minas Gerais.

É o "sertão do verde quando chove", repetindo Hilton Sette. É mais um dos contrastes nordestinos. Terra de seca inclemente, se não chove por mais de 9 meses, muda seu aspecto, quase que num milagre, após o segundo ou terceiro dia da chuva. O solo impermeável não retém as águas das chuvas.

Para compensar, a natureza revestiu essas terras de plantas cactáceas (amigas das secas), plantas essas que retêm água em seus caules, devido à membrana impermeável que as envolve, dificultando a evaporação.

As folhas caídas das pequenas árvores cobrem o chão, dificultando a evaporação da pouca água armazenada no solo. Daí o aspecto desolador da caatinga durante o estio.

II — A ÁGUA

Bem sabemos que em alguns pontos dos sertões pisamos em plena seca, sobre verdadeiros lagos subterrâneos. É o caso da bacia piauiense, a maior reserva freática do Brasil, que se estende da chapada do Araripe até o sul do Maranhão, incluindo o vale do Rio Gurguéia.

Muitos são os poços artesianos a jorrar água no Nordeste. No Núcleo Colonial de Gurguéia, por exemplo, a vazão tem sido compensadora.

Mas, tratamos aqui dos recursos do combatente em conseguir água. Ocupamo-nos em pensar na água imediata, obtida com os recursos do sertanejo.

a) *Caldeirões*: São curiosas cisternas naturais, que conservam água de chuvas passadas, por longo tempo.

É necessário ferver essa água, ou tratá-la, antes do uso.

b) *Barreiros*: Antes das chuvas, os habitantes da região preparam uma espécie de bacia, de até cinquenta metros de diâmetro, cujo fundo é pisoteado pelo homem e pelo gado, até consolidar o solo; para ser ingerida, essa água também necessita de fervura ou de outro tratamento.

c) *Brejos*: Escassos no Sertão, porém, frequentes no Agreste, aparecem entre as caatingas, alguns vales férteis, ricos em pontos de água, onde se plantam pequenos roçados. São os chamados brejos, que continuam a fornecer água nos poços cavados, ainda nas mais rigorosas estiagens. Em torno desses "oásis", vive geralmente uma pequena povoação.

d) *Condensação da umidade*: Um outro recurso é colher, durante a noite, a pouca água condensada nas folhas, que escorre em filetes pelos troncos das árvores. O processo é lento e a água muito pouca.

e) *Gravatá aguado*: Encontrado comumente nas regiões mais secas, conserva água entre suas folhas.

f) *Macambira*: Semelhante ao gravatá, porém de menor capacidade de retenção de água.

g) *Mandacaru*: Consegue-se água pisoteando e espremendo seus pedaços mais verdes.

Normalmente, apresenta seis faces como lâminas com espinhos nas extremidades.

h) *Xique-xique e facheiro*: Essas plantas se assemelham. O *facheiro* é de maior porte, com ramificações mais abundantes. O *xique-xique*, menor, com espinhos maiores.

Fornecem água mediante o mesmo recurso aplicado ao *mandacaru*.

i) *Umbuzeiro* (umburama): Importantíssimo para a sobrevivência na Caatinga. Quando falarmos de alimentos, voltaremos ao *umbuzeiro*. Suas raízes apresentam protuberâncias (cafofas), como batatas, que acumulam água.

Esta protuberância da raiz (cafofa) deve ser seccionada na parte de cima. Um aquecimento abaixo da mesma fará porejar água, para uso imediato, na parte seccionada. Outro modo: espremer a batata.

Esses recursos que vimos, mais as escavações de poços nos leitos dos rios intermitentes ou temporários, isto é, aqueles que secam na estiagem, são recursos do sertanejo para obter água nas regiões desérticas.

Diz o sertanejo que "ninguém morrerá de sede se, pacientemente, acompanhar uma cabra ou uma ovelha". É que esses animais procuram água mais cedo que o homem.

Um outro recurso é seguir o rastro de cobra, que nos pode levar à água... ou à própria cobra.

A presença do lagarto (teju, tiu) pode ser indicio da proximidade de alguma água. Sua toca, normalmente, não se distancia de um ponto favorável à obtenção do líquido.

III — ALIMENTO

Em regiões tão inóspitas, quando nas secas, não poderíamos pensar em recursos fáceis. Contudo, a sobrevivência é possível. O sertanejo, "antes de tudo um forte", ensina-nos grandes lições.

a) A caça:

A caça, ainda que difícil, não é impossível.

Devido à seca, os animais se recolhem, ocultam-se, refugiando-se em locais menos desfavoráveis. Mesmo assim, podemos encontrar, em plena caatinga, aves, como o nhambu, a perdiz, a codorniz, a rolinha, a codorna, a seriema, a ema.

O tatu-peba, o tatu-bola, a preá, o lagarto (teju), também habitam essas regiões.

Uma atenção especial deve-se dar ao lagarto: se esverdeado, ou ainda, esverdeado com pintas pretas, de rabo longo, ele não se presta para alimento. De igual modo, se apresentar costa não serrilhada, e papo de vento abaixo da boca.

Alguns habitantes do sertão contestam essa restrição feita ao lagarto. É preferível ficar com os outros, que afirmam ser real.

b) *Alimentos vegetais:*

1 — *Umbu*: é, na verdade, uma dádiva da natureza ao sertanejo. Frutifica no período dezembro-março.

Além de fornecer água, como já vimos, seu fruto é um excelente alimento. Um agradável doce é conseguido, das batatas de suas raízes (cafofas). Basta, para isso, adicionar mel, e cozinhá-las.

2 — *Quixaba*: assemelha-se à uva preta, e frutifica no período novembro-maio.

3 — *Murici*: pode ser localizado pelo cheiro forte que emana. Amarelo, semelhante em tamanho à ervilha.

4 — *Araticum*: fruto amarelo, parecido com a graviola.

5 — *Fruto da palma, e do Mandacaru*: frutos vermelhos, com muitos espinhos na casca. O uso abusivo pode trazer complicações intestinais.

6 — *Juá*: fruto do juazeiro, árvore que conserva suas folhas verdes, ainda que em plena seca.

O fruto é pequeno e muito doce. Tanto o fruto, como a casca, produzem uma interessante substância, que, como meio de fortuna, substitui o dentifício. Consumir o juá, por mais de dois dias, é se expor a perturbações intestinais e hepáticas.

7 — *Ouricuri (catolé)*: fruto de um arbusto tipo coqueiro-anão. Ingerido pelas cabras, somente a polpa é absorvida na digestão. Os cocos, que "sobram", então, são encontrados no estrume caprino. São um precioso alimento. A casca do ouricuri pode ser cozida e aproveitada como alimento.

8 — *Pequi*: abundante nas regiões do Ceará e Piauí, particularmente na chapada do Araripe. O pequizeiro é uma árvore de grande porte, e seu fruto é rico em óleos e vitamina A.

9 — *Ceroa de Frade*: é uma curiosa planta, que se assemelha a uma coroa depositada sobre o solo. Os frutos, semelhantes ao das demais palmas, constituem-se num excelente alimento.

- 10 — *Xique-xique*: obtemos um alimento semelhante à macaxeira (mandioca), quando assamos os pedaços mais verdes do xique-xique.
- 11 — *Macambira*: seu miolo, depois de assado, apresenta sabor agradável e adocicado.
- 12 — *Coco da carnaúba*: tido como "árvore da vida" do Nordeste, a carnaúba é uma característica da paisagem maranhense e piauiense. Contudo, ninguém se surpreenderá ao encontrá-la em outros pontos do Nordeste, ora isolada, ora em concentrações, a circundar açudes, cacimbas e barreiros ou a rodear brejos. O sertão do Rio Grande do Norte é um exemplo. Em alguns casos ocorre encontrá-la não longe do mar, como se presencia nos mangues do Jaguaribe, em Aracati, ou em Canguaretama, na Paraíba.

c) *Mel de abelhas*:

As abelhas do tipo sanharó, capuchu, italiana e abelha-cachorro, também trabalham na caatinga. A abelha uruçú é mais rara.

O mel do *inxu-chapéu* deve ser evitado, quando nas proximidades existirem macegas de avelcz. O mel colhido, então, pode ser venenoso.

d) *Sucedâneo para o café*:

O "agreste", mais benevolente que o sertão, oferece a manjiroba, o mata-pasto e o feijão-guandu.

As sementes das vagens, torradas e moídas, podem substituir o café.

IV — INSETOS, COBRAS E ARACNÍDEOS

1) *As cobras*:

Cuidaremos agora apenas dos tipos que, mais comumente, habitam as caatingas, quer no agreste, quer no sertão.

a) *Salamanta*: conhecida como "cascavel-preguiça" por sua lentidão; é *venenosíssima*. Recolhe-se às pedras e aos de pau. Sua cor é chumbo-avermelhado com espécies de nós seguidos, brancos, no dorso.

b) *Jararaca*: oculta-se nas proximidades de riachos, açudes, cacimbas, barreiros, caldeirões.

De cor amarelada, é *venenosa*.

c) *Cascavel, venenosa*: oculta-se em regiões pedregosas. Sua principal particularidade é o chocalho na cauda.

d) *Coral*: pequenina, com anéis cinza e preto. A coral é caso à parte. Não apresenta as características das cobras venenosas, no entanto, é *venenosíssima*; o soro antiofídico, que se aplica às picadas das demais,

não surte efeito no caso da coral. Ainda mais, nem sempre traz anéis cinza e preto. Existem as de anéis vermelho e preto, e outras sem anéis.

Felizmente, a possibilidade de inocular seu veneno é muito difícil, devido à imobilidade do maxilar onde está a sua "presa".

Segundo o Instituto Butantã, de São Paulo, em 57 anos foram registrados apenas 17 casos de picada por cobra coral.

e) *Cobra-cipó*: muito *venenosa*, aproxima-se de setenta centímetros. Acinzentada, procura dissimular-se na árvore onde se acolhe. A cabeça é grande, desproporcional ao corpo.

f) *Corre-campo*: de cor marrom, muito veloz e agressiva, chega a dois metros. Encontrada nas clareiras e terrenos mais limpos, porém não é *venenosa*.

g) *Cobra-do-Veado*: assemelha-se à jibóia, alcançando três metros. Ligeira em seus movimentos, tem força idêntica à de sua similar. Não é *venenosa*.

h) *Papa-ovo*: barriga cor de gema e dorso esverdeado, não é *venenosa*, nem agressiva. Podemos encontrá-la com até dois metros de comprimento.

i) *Víbora*: logicamente não está incluída entre as serpentes, porém incluímos a víbora aqui, neste trecho, devido à semelhança de sua peçonha como a de cobras venenosas, sendo também um réptil ofídio.

Conhecida como "Filha-do-Cão", tem a cor marrom, com três listras marrom-escuro no dorso, ou com três listras claras. É venenosa e rapidíssima.

2) Insetos:

Veremos apenas alguns insetos dos muitos que podem perturbar o combatente, trazendo-lhe complicações:

a) *Barbeiro*: abriga-se nas casas de taipa, nas pedreiras e junto aos açudes, caldeirões e barreiros.

Atua durante a noite. Alimenta-se de sangue de mamíferos. Sua picada não é dolorosa, procurando geralmente o rosto; daí seu nome vulgar, "barbeiro".

Após a picada, dejeta. A vítima se coça, inconscientemente, assimilando, então, o *Tripanossoma* Cruzii, causador da Doença de Chagas.

b) *Mangangá*: avermelhado, de pernas longas, ou preto, de pernas peludas, semelhante a um besouro, é agressivo quando nas proximidades de seus refúgios, que podem ser em ocos de pau ou no chão.

3) *Aracnídeos* (aranhas e escorpiões):

a) *Aranha caranguejeira*: ainda que impressione pelos seu tamanho e aspecto, ela pica poucas vezes, e seu veneno não é tóxico para o ser humano.

Mais encontrada na caatinga, em períodos de chuva. Não é agressiva, salvo uma espécie coberta de pelos cor de fogo.

b) *Armadeira*: de cor cinza-escuro, pernas finas, toma uma posição peculiar ao se "armar" para a picada, vindo daí seu nome; abriga-se entre madeiras velhas, tijolos, telhas. É venenosa.

c) *Viúva-negra*: encontrada em vegetações rasteiras e arenosas. Pequena, com manchas vermelhas no dorso, é a mais peçonhenta e perigosa.

d) *Escorpião*: No Brasil, é encontrado em larga proporção no Estado de Minas Gerais. Em 130 casos mortais, 127 ocorreram naquele Estado, conforme o Dr. Emanuel Alves (Medicina de Urgência).

Sua picada pode causar perturbações digestivas, circulatórias, respiratórias, térmicas e urinárias.

V — TRANSPORTE

1) *Animais*: resistente às inclemências do tempo e da terra, alimentando-se até com cascas secas de madeira, o *jumento* ainda é o maior amigo do sertanejo. Quando de porte maior, é chamado de "pirilampo" e é usado para montaria. De menor porte, chamado de "casco-duro", enfrenta melhor o trabalho e as cargas. O burro, quando da cruzada com égua, é mais resistente, sendo por isso utilizado na caatinga. O cavalo não apresenta resistência para as situações adversas da região, com exceção de um tipo pequeno, arisco, chamado de "pé duro".

2) *Viaturas*: na caatinga, o Jeep, devido às suas tradicionais características, encontra melhor possibilidade de utilização.

Isto ocorre, particularmente, na caatinga chamada "baixa", arbustiva, onde sempre podemos encontrar caminhos naturais, entre as vegetações.

Falamos aqui resumidamente de alguns aspectos da sobrevivência em terras, que, por si só levarão uma tropa à derrocada, mesmo sem que esta se engaje em combates.

Gostariamos de pensar, em detalhes, no uniforme adequado. Numa grande cobertura à cabeça, para proteção contra o sol inclemente. Em calçados arejados, em calças e gaxetas que facilitem a transpiração, ao mesmo tempo que resistentes e reforçados. Pensar em equipamentos aliviados. Tal assunto mereceria mais minucioso estudo.

Muitas são as superstições, tradições e "estórias" do povo sertanejo. "O coaxar da rã, se pela tarde, é aviso de chuva. Porém, se há silêncio das rãs, e estrilar da cigarra, a seca virá inclemente; ainda mais, se confirmada pelo canto vespertino e de grande alcance do aracuã, ou por um inesperado e agourento frio pela madrugada".

Nada afirmo sobre isso. Nem mesmo comento a tradição do "caatingueiro", que, quando perdido "deita-se de peito para o chão, relaxa-se, e, num salto retoma a direção perdida". Porém, sei bem, e estou convicto, que é necessária uma capacitação de nossos homens nas Caatingas do Agreste e do Sertão, para cumprirem melhor qualquer missão, nessas paragens onde a água é quase mentira e o inferno, quase verdade.

"Nas florestas tropicais do sudoeste da Ásia, não há um substituto barato para o artigo mais caro de todos: o infante treinado para o combate; não o soldado produzido em massa nos campos de instrução, mas ao combatente da selva, pacientemente instruído, que sobreviverá na selva — não em sua orla — e que sobrepujará o inimigo quando necessário."

BERNARD FALL